

Parte 1 - 500 anos de presença judaica no Brasil

3º capítulo - Testemunhos e histórias de vida

Hershell Pencak (B5156): memórias da dor

Maurício Pencak

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PENCAK, M. Hershell Pencak (B5156): memórias da dor. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 347-375. ISBN: 978-85-7982-018-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Hershell Pencak (B5156): memórias da dor

Maurício Pencak

Apresentação

Em recente artigo, o escritor Juva Batella analisa o livro *A Noite*, do Prêmio Nobel da Paz, Elie Wiesel. Batella responde àqueles que dizem que tudo já foi escrito sobre o Holocausto. Afirma que, se obtivéssemos o relato individual de cada uma das vítimas da grande tragédia que se abateu sobre nosso povo, ainda assim muito teria a ser dito.

Esse modesto trabalho é o resgate de uma dívida. A infância e juventude – minha e de meus irmãos – foi permeada pelas inúmeras histórias que nosso pai, Hershell (Henrique), sobre a Guerra. Infelizmente não as compilei com ele em vida. O enorme trabalho de memória feito pelo cineasta Spielberg, só veio a ocorrer anos após seu falecimento e, confesso, senti uma enorme frustração de que o relato de meu pai lá não constasse.

Além de cobrir essa dívida simbólica para com sua memória, pretendemos deixar uma pequena contribuição para as gerações que se seguem.

Começamos as gravações em 13 de setembro de 2001, dois dias após os terríveis atentados que vitimaram o povo norte-americano e lançaram o planeta numa nova quadra de sua história. Nesses meses, assistimos também, a triste deterioração das relações entre Israel e a população árabe-palestina, situação que nos abala porquanto nossa identidade judaica e sionista.

Monstros, que imaginávamos completamente extintos, voltam a despertar. Discursos totalitários e intolerantes disfarçados em meio a fraseologia pseudo-revolucionária, justificam a destruição de milhares de vidas inocentes. Ataques terroristas em Israel, mas também em outros países – não esqueçamos os atentados na Argentina – buscam matar o máximo de indivíduos judeus. Na França, país que granjeou a fama de firme defensora do convívio entre diferentes e dos direitos humanos, em poucos meses, acumularam-se mais de 360 atos de agressão ou vandalismo nitidamente antissemitas. Recentemente assistimos, estarrecidos e

impotentes, o sacrifício do jornalista norte-americano e judeu, Daniel Pearl, por essas mesmas forças do mal.

Esperamos que esse trabalho acrescente um pequenino elo na grande corrente que mantém o povo judeu. A perpetuação da memória é uma das garantias de nossa sobrevivência e que, com isso, continuemos a contribuir para a melhoria da Humanidade, ética e materialmente.

Auschwitz – Pequena cidade da Polônia (Oswiecim, em polonês), a 40 Km de Cracóvia. Foi, durante a II Guerra Mundial, a sede do mais bárbaro campo de concentração organizado pelos nazistas.

Em 14 de junho de 1940, os alemães edificaram um campo de concentração num dos subúrbios da cidade. Em 1941, ampliaram-no para “desenvolver tratamentos especiais aos prisioneiros”, construindo as unidades de Budy, Harmenze (para mulheres), Birkenau e Auschwitz II. Auschwitz passou a ser um enorme campo de concentração para milhões de judeus de toda a Europa. Em 1943, entravam em funcionamento quatro gigantescos fornos crematórios. Os prisioneiros, até então mortos por asfixia numa câmara de gás com capacidade para 500 pessoas, passaram a ser assassinados aos milhares: em junho de 1944 foram asfixiadas e queimadas, num só dia, 23 mil pessoas.

Os pertences dos mortos eram enviados à Alemanha. As roupas eram distribuídas entre as famílias alemães, e os valores – inclusive o metal dos dentes de ouro – destinados ao erário do Estado germânico. Nos seis edifícios, após a derrota dos nazistas, foram encontradas, metodicamente empilhadas, 836.255 peças de roupas femininas e 34.882 masculinas.

A 18 de janeiro de 1945 os alemães, perseguidos pelos Aliados, evacuaram rapidamente os 58.000 prisioneiros de Auschwitz; foram abandonadas no campo cinco ou seis mil pessoas, cujo estado físico não lhes permitia locomover-se.

A Comissão Médica e Legal Soviética, que chegou a Auschwitz imediatamente após a saída dos alemães, calculou que o número de prisioneiros assassinados naquele campo ia a mais de quatro milhões; esse cálculo foi confirmado pelos empregados da estação de Auschwitz, segundo os quais, de 1942 a 1944, foram ali desembarcados, por via férrea, 3.850.000 prisioneiros. (extraído da enciclopédia UNIVERSO, volume I, ano 1973, Editora Delta/Editora três)

Breve relato sobre a Polônia

As tribos eslavas que vieram originar o povo polonês, estabeleceram-se em seu futuro solo pátrio em torno dos anos 600/800 D.C.. Originalmente pagãos, essas tribos converteram-se ao Catolicismo Romano, fazendo da Igreja uma de suas instituições nacionais mais perenes.

Os séculos XV e XVI são cenários do grande movimento de perseguição às comunidades judaicas na Península Ibérica. Esse processo, conhecido pelo nome de INQUISIÇÃO, esteve sob administração das Ordens religiosas católicas consorciadas às Casas Reais dominantes na época. Essa enorme onda de perseguição antissemita, culminou com o assassinato, conversões forçadas, pilhagens de bens e a expulsão de centenas de milhares de judeus, primeiro da Espanha e depois de Portugal.

Na busca de novos lares, onde pudessem reconstituir suas vidas e manter seu culto religioso, os judeus procuraram outras regiões da Europa. Em torno do Século XVII, os reis católicos poloneses fizeram um convite para que os judeus lá se instalassem. Outras importantes comunidades judaicas se desenvolveram por toda a Europa Centro-Oriental: Alemanha, Bessarábia, Rússia, Boêmia, Hungria, etc., tendo fases de florescimento e diversos episódios de grave risco para sua existência.

A Polônia moderna recuperou sua independência após a I Guerra Mundial (1914-1918). Seu território, que se encontrava dividido entre o Império germânico, a Rússia Czarista e o Império Austro-Húngaro, voltou a se unificar após os Acordos de Paz que se seguiram ao fim do conflito.

O renascimento da Polónia deu-se sob controle de um militar de forte viés autoritário, o Marechal Pilsudsky. Às vésperas da II Guerra Mundial, a população polonesa girava em torno de 30 milhões de habitantes, sendo que 10% formava a expressiva minoria judaica (na capital, Varsóvia, a população judaica chegava a um terço do total).

O sentimento nacional polonês, durante o período sem soberania, refletia-se fortemente em torno da Igreja Católica. A mistura do sentimento nacionalista apaixonado com as arraigadas convicções religiosas, criou um fértil terreno para o desenvolvimento de profundas e duradouras manifestações de espírito antissemita.

Foi nessa Polônia, prensada entre a Alemanha humilhada após a I Guerra Mundial e a Rússia recém-bolchevique, que nosso pai nasceu. Em 1933, o Partido Nazista ascende ao poder na Alemanha e nuvens sombrias voltam a se formar sobre a Europa, e particularmente sobre o povo judeu. Em 1º de setembro de 1939 eclode a II Guerra Mundial, com a invasão da Polônia pelas tropas alemãs. O destino de dezenas de milhões de pessoas será dramaticamente afetado pelos acontecimentos que se seguiram.

O trabalho foi feito a partir de entrevistas com minha mãe, Chana (Anita) Pencak, e meu irmão imediatamente mais velho, Mauro Valter Pencak. Do texto, constam também, relatos por mim ouvidos.

P- Mauro, você mandou uma correspondência para a Holanda, correto? Fale disso.

Mauro- Duas vezes. No Jornal do Brasil, há algum tempo atrás, vi um anúncio dizendo que tinha uma Comissão fazendo intermediação junto às Seguradoras que, porventura, tivessem feito seguros para os judeus na era do Holocausto...

Eu mandei o cupom, o recorte, e me mandaram todos os folhetos. Tinha um telefone grátis que veio no apêndice do folheto e disseram que tinha que esperar mais um pouco, porque já tinham feito contato com as Seguradoras. Nunca mais mandaram resposta, mandei mais duas cartas para a Holanda e até agora não chegou nada. Eu acho que esteja perdido o caso...

P- Na verdade, o que nos moveu foi o senso de justiça. Queremos, como descendentes, algum reconhecimento pelo sofrimento lavrado à nossa família. Mauro, você, dentro da família, é notabilizado por ter uma memória fantástica, papai nasceu quando?

Mauro – 15 de novembro de 1924.

P- Uma coincidência! No dia da Proclamação da República.

Mauro- É, 35 anos depois.

P- Quando ele faleceu?

Mauro – 24 de junho de 1985.

P- Você se recorda? Depois de toda uma vida de luta, papai veio a falecer de que mal?

Mauro- Câncer de cólon de intestino.

P- Depois de quanto tempo de convalescença?

Mauro- Um ano e dois meses.

P- Foi uma luta...

Mauro- Uma luta terrível (silêncio), operou, ficou oito meses sem sequelas, engordou, comeu. Estava sentado na mesa, de repente ele se levantou com ânsia de vômito e, desde lá, voltou. Teve que tomar transfusão de sangue, de novo internado.

P- A doença que muitos judeus evitavam até falar o nome. Falavam “aquela doença”. Mauro- E pelo que me consta, papai não soube do que morreu.

P- Mauro, vamos falar um pouco sobre as raízes familiares do papai. Por parte de pai...

Mauro- Nosso avô era Nusyn Pencak.

P- Fale um pouco sobre a estrutura da família de nosso avô.

Mauro- O nome do avô paterno de nosso pai era Mendel.

P- Que, por acaso, é meu nome (os judeus recebemos um nome perante a Torá).

Mauro- Nosso avô casou com sua prima em primeiro grau, Laja Frajdla (Lea Frida). **P-** Nossa avó paterna, correto?

Mauro- É, e que veio a falecer em 6 de novembro de 1976.

P- Como era a estrutura da família de nosso avô, ele tinha irmãos?

Mauro- Tinha o tio Zelig, Schuel (Saul), Laibus(Luis).

P- Esses nós conhecemos no Brasil, vieram antes da Guerra.

Mauro- Se não me engano, ainda tinham mais dois...

P- Mas esses, a Guerra ceifou.

Mauro- O nosso pai tinha três irmãos: Velvo, de 1918; Sara, de 1920; Schoshnm (Shoshana ou Sophie), de 1922; e papai, de 24.

P- *Qual era o sobrenome de solteira de nossa avó paterna?*

Mauro- Zaltstreiger. Ela tinha vários irmãos: Iankl (Jacó), Tanachn e Moishe (Moisés)

P- *Localize os que vieram antes e depois da Guerra.*

Mauro- Antes da Guerra, só o tio Moishé. Os outros vieram depois da Guerra.

P- *Vamos buscar lembrar agora, dados de infância do papai.*

Mauro- Pelo que eu sei, ele estudou até o quarto ano ginásial, até a Guerra começar.

P- *Qual a idade que nosso pai tinha quando começou a Guerra?*

Mauro- Nem 15 anos completos.

P- *Mas já tinha, então, feito Bar-Mitzvá?*

Mauro- Com certeza.

P- *Coisa que muitos jovens judeus da época não tiveram possibilidade de fazer. Voltando à infância, comente alguns episódios.*

Mauro- Lembro que ele contava que uns meninos poloneses antissemitas ameaçaram lhe dar uma surra, no trajeto que ele fazia para a escola. Ele pediu emprestado ao senhorio do pai dois cachorros, e os moleques fugiram assustados.

P- *Vamos esclarecer a situação vivenciada pela população judaica. Os cidadãos judeus poloneses viviam duas realidades, tinham uma educação judaica, quando crianças, numa instituição chamada...*

Mauro- “Cheider”.

P- *Ou seja, papai estudava num “Cheider” e numa escola pública polonesa. Existia muita pobreza no meio da população judaica, mas a família do papai tinha um negócio, qual era?*

Mauro- Eles tinham uma padaria.

P- *Você se lembra do endereço? Papai alguma vez comentou?*

Mauro- Acho que era Rua Stodolna...

P- *Rua Stodolna 12.*

Mauro- Você se lembra melhor. Muitas coisas o papai “bloqueou” e não comentava. Ele se referia à Polônia como “Alter Haim”..

P- *Traduza.*

Mauro- Antigo lar. Muito antissemitismo...

P- *Vamos para o período da Guerra. Qual foi a primeira vez que ele teve contato com tropas alemãs?*

Mauro- Contou que estava jogando lixo fora, com seu pai, quando passaram motociclistas das tropas nazistas. Um soldado que estava no carona, perguntou: *Juden?* Quando acenaram afirmativamente, o soldado passou a mão pela garganta, dizendo *Kaput!* Papai dizia que Hitler baseou a maioria dos campos de concentração na Polônia, porque sabia que lá ia encontrar respaldo, pois a maioria dos poloneses era antissemita.

P- *Para além do sentimento antissemita, havia o fato da enorme concentração de judeus na Polônia.*

Mauro- 10% da população, mais ou menos três milhões.

P- *Vamos continuar o relato.*

Mauro- Penso que a mamãe está mais apta. Ela tem mais informações.

P- *Mãe, vamos falar sobre a infância do papai. Em qual cidade ele nasceu?*

Chana- Ostrowtzin (Ostroviec).

P- *Vamos falar sobre sua raízes familiares. Tinham posses? Eram pessoas religiosas? Fale um pouco.*

Chana- A família do vovô Nusyn era de pessoas religiosas, tradicionais, não eram rabinos. Eles tinham padaria e levavam uma vida como classe média.

P- *Sobre as origens da família da vovó Léa?*

Chana- Os pais da vovó Léa eram um pouco mais ortodoxos... Bom, já estamos falando da família Zaltstreiger, não sei qual era a profissão.

P- *A família da vovó Léa era de Ostroviec?*

Chana- Não, eram de Ieglinsk.

P- Eles tinham laços familiares.

Chana- Vovó Léa, com seu futuro marido, Nusyn, eram primos de sangue, em primeiro grau.

P- *Como eram os vínculos?*

Chana- A mãe da vovó Léa e a mãe do vovô Nusyn eram irmãs.

P- *Era uma coisa normal, esses casamentos tão próximos?*

Chana- Muito normais, a gente ouvia falar muito nisso.

P- *Diferente, então, da maioria dos judeus da Europa Oriental que viviam em dificuldades, a família do papai tinha uma estrutura de classe média.*

Chana- Sim, classe média. Não digo que viviam em riqueza.

P- *Ouvi comentários sobre a bondade do vovô Nusyn, o respeito que granjeou por suas atitudes perante os menos favorecidos.*

Chana- Vovô Nusyn era uma pessoa muito boa. Ele sempre tinha convidados para Shabat e todo pedinte não saía de mão vazia. Ele sempre ajudava, sempre foi elogiado. Tanto é que, quando foi casar a filha Sarah, o “Mechitn”(compadre, pai do noivo), que era um dos grandalhões de uma outra cidade, falou: “Mechitn Nusyn, todo rico tem inimigo e você só tem amigos”. Houve também o comentário do senhorio, um católico de nome Kajek e que falava Idish: “Nusalan, chite far danen guite fran, far den sonen el ier der chiten (Nusyn, Cuide-se de seus “bons” amigos, que dos teus inimigos te protejo). Ele ouvia os comentários, em idish, dos vizinho invejosos, e os interrompia mandando-os ir trabalhar. Respondia que Nusyn e toda a família acordavam cedo para ir trabalhar na padaria, e nada deviam a ninguém.

P- *Como era a estrutura da família?*

Chana- Velvo, mais velho; Sarah, que casou antes da Guerra e já tinha um filhinho de três anos; Shoshn e o papai, que era o caçula.

P- *Todos ajudavam na padaria?*

Chana- Todos, menos o papai que era o caçula.

P- *Eles tinham funcionários judeus ou católicos?*

Chana- Acho que na padaria eram católicos. A empregada em casa era judia.

P- *Eles tinham empregada doméstica? Isso revela uma certa posse.*

Chana- Sim, tinham judeus pobres que precisavam trabalhar.

P- *Em 39 inicia-se a Guerra. Eu me recordo de papai ter comentado que chegaram a discutir a possibilidade de fugirem para a Rússia.*

Chana- Pode ser, mas disso não me recordo.

P- *A Guerra começou em 1 de setembro de 1939, com a Alemanha invadindo a Polônia. O que papai relatou? Eles sabiam o que estava ocorrendo com os judeus na Alemanha?*

Chana- Eu acho que eles não sabiam tanto.

P- *Papai contou como foi a fase inicial da Guerra? Como os alemães começaram a desenvolver sua política?*

Chana- Foi por etapas. Primeiro, os alemães queriam se estruturar. Precisavam de comida, pães...

P- *As tropas alemães?*

Chana- Sim. E o que aconteceu? Ou apontaram, ou viram que a padaria do vovô Nusyn era mais estruturada, então entraram lá e falaram: “precisamos dessa quantidade de pão!”.

No princípio eles pagavam, eram muito espertos. E voltavam e pediam cada vez mais. Então, a vovó Léa ficou muito assustada e falou: “Nusln, ist tsi guit (Nusyn, é bom demais...). Sabe, a vovó era mais medrosa e tanto falou que o vovô Nusyn disse para os alemães procurarem outra padaria maior, pois não conseguia dar conta. E conseguiu jogá-los para outra padaria, talvez não judeus. Vovó ficou muito assustada...

Aos poucos eles começaram...você sabe, primeiro procuraram os comunistas, políticos, e aí partiram para os judeus. Todo mundo começou a ficar com medo. Lá era comum ter porões e então se esconderam. Os jovens saíram para ir trabalhar em fábricas...

P- *Você está falando jovens judeus.*

Chana- Naturalmente! Os católicos eles não mexeram: os católicos ainda apontavam “iuden’, “iuden”.

P- *Em quais fábricas?*

Chana- Lá mesmo, em Ostrowtzn. Eles começaram a sentir que não adiantava se esconder, pois todos iam morrer de fome. Esconderam os pais no porão, os filhos foram trabalhar. A Sarinha já estava casada e com um filhinho de 3 anos...

P- *Você se lembra do nome da criança?*

Chana- (silêncio) não...

P- *Vamos Id, continuando.*

Chana- E o marido da Sarinha serviu o exército polonês, antes da guerra.

P- *Quando os vovós se esconderam, alguém ocupou a padaria?*

Chana- Provável. Eles abandonaram, largaram tudo. Esse detalhe me lembro, quando os alemães começaram, eles juntaram roupa de corpo, roupa de cama e pediram para o senhorio guardar.

Não sei se o porão era na casa ou na padaria. Desculpe os termos, no porão defecavam, urinavam, pessoas começaram a perder a razão. Os filhos iam para a fábrica, e à noite também voltavam para o porão.

P- *Você se lembra qual tipo de fábrica era? Roupa, armas...*

Chana- Acho que era fábrica de tecidos... não tenho certeza.

P- *As fábricas eram administradas por alemães?*

Chana- Sim. Os alemães tomaram conta, entraram e começaram a administrar tudo. É como se fosse prefeitura. Tinham, ainda, administradores “poilishes”(poloneses), mas foram perdendo poder.

P- *Estávamos então no início da Guerra. Quando os alemães começaram a concentração dos judeus? Lembro-me que papai falou, primeiro ficaram num campo da cidade.. dali, ele viu o vovô Nusyn ser transportado...*

Chana- Bom, na fábrica eles ainda não estavam presos, conseguiam se movimentar, ainda voltavam para casa. Eles conseguiram tirar os pais do porão e levar para a fábrica.

Perguntei: “Henrique, como? Ele falou: “Anita, freignicht, mot guikent” (não pergunte, conseguíamos).

As pessoas no porão já estavam começando a ficar malucas. Os alemães começavam a fazer buscas, procurando pessoas escondidas, aumentando o pânico.

P- *Dando batidas.*

Chana- É. Eles buscavam disfarçar a marca no chão, jogando algo em cima para não aparecer a tampa do porão. Em cima se chama.. tem um nome...

P- *Clarabóia, sótão.*

Chana- É, em cima, quem se escondeu foi Anne Frank...Bom, retomando, tiraram os pais do porão e esconderam na fábrica. Ficaram um tempo e aí começou o processo de concentrar as pessoas.

P- *Você se lembra de datas?*

Chana- Deve ter sido, mais ou menos, 40 ou 41.

P- *Em 42, eles decidem pela “Solução Final”.*

Chana- Acho que foi em 41...

P- *Como foi a concentração, qual foi a última vez que nosso pai viu seu pai?*

Chana- Eles faziam fila, duas três, quatro filas. Papai falava: “Mot nicht gueviss vi tzloifen, vi zé tsa besse”(Não sabíamos para onde correr, onde seria melhor). Eles sentiam, uma fila era para levar...

P- *De onde para onde?*

Chana- De Ostrowtzn para os trens, vagões. Papai dizia que se corria de uma fila para outra. Papai estava numa fila, o Velvo estava numa fila, vovô Nusyn estava numa fila.. o Velvo e o pai deviam estar numa fila.. a mãe estava numa fila. A última vez que ele viu o Velvo e o pai foi na fila. Os alemães mandaram: “esta fila vai para cá, esta fila vai para lá”.

A fila que a vovó e o papai estavam, não foi para o extermínio..
(pausa), e essa foi a última vez que o papai viu o Velvo e o vovô Nusyn.

P- *Estamos emocionados, mas continue mãe.*

Chana- Se mataram logo ou não, ele não sabe. Ele não teve mais notícias. **P-** *Ele não soube para onde aquela fila foi?*

Chana- Não.

P- *Se foi para um bosque, se foi para Auschwitz?*

Chana- Não, papai não teve mais notícias.

P- *No pátio desta seleção, foi a última vez que ele os viu?*

Chana- Foi a última vez.

P- *Mãe, você se recorda, ainda, de mais um episódio passado em Ostrowiec.*

Chana- Seu pai, ele estava trabalhando na fábrica e buscava, ao máximo, evitar apanhar, tinha muito medo de ser espancado. Ele não conseguiu explicar qual foi a situação, qual o “pecado”, o que acharam que ele tinha feito demais, Deve ter sido um antisemita, alguém com raiva dele. Espancaram ele de paulada, de cintada, e os pais ainda estavam dentro da casa...

P- *No porão?*

Chana- É, escondidos no porão. Então, ele chegou, de noite, todo machucado, tão dolorido que a mãe teve de fazer compressas. Como, eu não sei.. .pois estavam no porão. E eu perguntei: como é que depois você foi trabalhar? Parece que durante dois dias ele não foi trabalhar, mas acabou retornando. Foi um episódio que o espancaram gratuitamente.

P- *Retornando ao relato, papai, vovó Léa e a tia Shoshn pegaram o trem?*

Chana- Não, eles continuaram na fábrica.

P- *Até quando?*

Chana- Acho que até 42.

P- *Você se lembra o ano que papai foi transferido para Auschwitz? Como foi a viagem de trem?*

Chana- Botavam no trem e viajavam, viajavam. Tem o episódio que contavam até dez...

P- *Mãe, deixe eu relatar. Pensava que era uma fantasia de infância ou que tinha lido em algum lugar, mas vejo que foi um relato feito pelo papai. Os trens, muitas vezes, paravam, dando passagem a outros com tropas ou armas. Quando as composições diminuía a velocidade, muitas pessoas pulavam dos vagões. Quando os SS faziam a recontagem, viam que o vagão estava aberto e pessoas tinham escapado. Então, como punição para os que não tinham denunciado as fugas, eles organizavam filas, contavam até dez e o décimo era fuzilado. Papai falou em duas oportunidades, uma vez ele foi o nono e na outra vez foi o décimo primeiro. Achava que era uma fantasia e não queria dar esse relato. Estou emocionado, pois você confirmou o que estava na minha reminiscência. Papai relatou sobre Auschwitz.*

Chana- As seleções com Mengele. Ele passou por duas, três seleções. Mauro- Papai falou que Mengele indicava o destino dos prisioneiros com o polegar, para lado ou para outro.

P- *Papai sempre sendo considerado apto a trabalhar.*

Chana- Ele achava que o papai era alto, ainda tinha um pouquinho de pele, era apto a trabalhar.

P- *Para trabalhar até a última gota...*

Chana- Até a última gota. Tanto, que ele aguentou onze dias e...

P- *Mas isso é depois, vamos deixar para frente. Vamos ainda falar sobre Auschwitz. Era um campo que tinha dois aspectos: era campo de trabalho, visando o esforço de guerra nazista e era campo de extermínio.*

Chana- Papai ficou no campo de trabalho.

P- *O que ele fez em Auschwitz? Quais serviços?*

Chana- Uma vez a Shoshn me disse.. trabalhos de pavimentação, terra, asfalto. A tia Shoshn andava depressa com os carrinhos.

P- *Mãe, você se recorda do episódio com os ciganos?*

Chana- Não.

P- *Esse relato do papai me recordo. Numa noite, ele viu chegar trens com pessoas em vestes diferentes e identificou-as como ciganas. Ele calculou algo entre dez mil e quinze mil pessoas. Na manhã seguinte não se encontravam mais, ou seja, os alemães exterminaram a todos numa madrugada!*

Chana- Papai comentou o episódio de quando uma pedra que transportava, caiu e machucou seu pé. Ele tentou esconder o inchaço, com medo de que fosse executado, mas chegou a um ponto em que começou a mancar e ter febre. O capataz mandou-o para a enfermaria e, para o papai, foi o melhor momento na Guerra. Lá, recebeu roupas quentes e limpas, assim como melhor alimentação, no caso, uma sopa mais grossa. Ele tentou aumentar o período de repouso, usando um artifício. Quando sabia que o médico vinha lhe tomar a temperatura, esfregava o termômetro para dar a impressão que continuava com febre.

P- *Você falou em outros relatos.*

Chana- No campo de concentração eles tinham muita fome. Dizia que, para eles, era um YOM TOV (feriado religioso, em hebraico) quando conseguiam pegar as cascas de batata, cozinhar e fazer aquela comidinha para eles; isso, quando não eram pegos, se fossem pegos eles eram castigados. Eles sentiam se os guardas estavam olhando, aí pegavam as cascas e cozinham...como, eu não sei. Dizia que era uma festa quando conseguiam pegar as cascas, um YOM TOV. Comentou que o sonho deles, enquanto estavam em Auschwitz, era um dia... pudessem se sentar à mesa e comer pão a vontade.. (silêncio)

P- *Estamos emocionados*

Chana- Ele sempre dizia: sentar e comer pão a vontade. Relatou, também, uma agressão sofrida pela vovó Léa. Preocupada em conseguir cascas de batatas e, assim, fazer panquecas para a filha Shoshn, a vovó correu atrás dos latões de lixo, sendo flagrada por uma guarda feminina. Essa mulher deu-lhe uma paulada, abrindo a testa da vovó Léa e a colocou de castigo, ajoelhada sobre pedras. Depois, a tia Shoshn a socorreu em prantos Perguntando: “Mame, farwus du ost guemacht dus? (mamãe, por quê você fez isso?)

P- *A Guerra foi chegando ao fim, já estávamos em 45. Quem foi libertado primeiro?*

Chana- A vovó e a tia Shoshn, pelas tropas russas. Acho que em janeiro de 45.

P- *Certo. Lembro que papai foi mandado para a Alemanha, para Bergen-Belsen. Ele foi jogado num vagão, como outros milhares de prisioneiros sobreviventes, iniciando uma viagem de dez, doze dias.*

Chana- Onze noites e onze dias.

P- *E como papai sobreviveu?*

Chana- Deram um pedaço de pão para onze dias, só que não deu. Perguntei, como você sobreviveu? Nevava, eles botavam a mão, jogavam na boca, passavam pelo rosto, com isso eles sobreviveram.

P- *Ele falou de detalhes, em Bergen-Belsen?*

Chana- Não me lembro...

P- *Eu me recordo. Papai contou que foram libertados na primeira ou na segunda – não me recordo bem – semana de abril de 45, por tropas inglesas. Ele contou que os soldados aliados, atordoados pela visão dos “katzenikes”(e’ uma abreviação para prisioneiros de campo de concentração, gíria negativa para caracterizar o estado de depauperação física), ofereceram, imediatamente, sua rações, só que foi um desastre. A boa intenção gerou algumas dezenas de mortes, pois as rações eram concentradas, papai contou que as rações eram à base de sardinha, muito fortes. Os prisioneiros engoliram e muitos morreram de disenteria, ele comenta que teve um estalo e, aos pouquinhos, começou a beber leite. Não me esqueço, pouquinho a pouquinho, onde, depois de alguns dias ele se sentiu melhor e partiu para alimento sólido.Bom, foram libertados e ai a ONU criou uma Comissão de refugiados, para juntar os familiares. Relate como foi, a vovó na Polônia, o papai na Alemanha. Como foi o reencontro dos familiares sobreviventes?*

Chana- Criaram um Comitê e começaram a chamar os sobreviventes, fizeram listas com os nomes e levavam de uma cidade para outra. Então, uma pessoa viu o nome do papai e, depois, encontrou a vovó na Polônia. Ele disse: -”Senhora Pencak, eu vi o nome de seu filho na lista”.

Quando ela escutou isso, começou a gritar, desmaiou, dizia não poder ser. Ele ainda disse: -"Tomara que eu encontre os meus filhos, como eu encontrei o nome de seu filho." Papai, quando soube da sobrevivência da mãe e da irmã, foi para a Polônia. Quando lá chegou, estava tão magro...pesando 44 quilos, ele tinha 1,70 metro de altura. Com o corpo cheio de feridas, ainda teve que ser escondido e tratado pela vovó, para que os poloneses não dissessem que estava com lepra.

P- *Um jovem de 21 anos, com 1,70 metro de altura, 44 quilos... Terminada a Guerra, a vovó Léa retorna ao que seria a casa do antigo senhorio, onde tinha deixado roupas, pertences. Como foi o reencontro dela com a mulher do antigo senhorio, o senhor Kajak?*

Chana- O diálogo foi simples, ela disse: -"Eu vim aqui pegar minhas coisas que deixei."-"Você não deixou nada, eu não tenho nada, eu não sei de nada!" Vovó Léa continuou: -"Mas eu deixei, eu não tenho nada, só estou com a roupa do corpo. Estou precisando de uma roupa, estou precisando de um lençol, estou precisando de um sapato. Estou assim, do jeito que você está me vendo, uma maltrapilha. "De tanto a vovó conversar e chorar e pedir, ela tirou uma peça ou duas de roupa e deu dizendo: -"Você não volta mais aqui, pois meus filhos podem te delatar..."

P- *Mas a Guerra já tinha terminado! A Polônia estava sob ocupação russa, a ameaça deve ter sido de outra natureza...*

Chana- Sim, é possível.

P- *Houve também o episódio envolvendo o irmão do cunhado do papai.*

Chana- Sim, uma reunião familiar...

P- *O cunhado do papai, Joseph Strenger, havia casado com a tia Shoshn, depois da Guerra.*

Chana- Sim, esse caso foi em Cracóvia.

P- *É um grande centro, tem a Universidade da época da Idade Média.*

Chana- Certo. O papai foi visitar e ficar uns dias com a irmã, eles estavam numa reunião, uma confraternização. Estava a irmã, o cunhado, o irmão do cunhado, o papai e mais alguns amigos. Chegou uma determinada

hora que papai cansou e saiu, com a titia Shoshn e o marido. De repente, uns antissemitas, não sei se polacos ou "ukrainen" (ucranianos), entraram e mataram algumas pessoas, inclusive o irmão do cunhado do papai. Ele contou que se ficasse mais dez minutos, também poderia ter sido morto.

P- *imagine... isso foi depois da guerra! Eu me recordo, papai falou que essa ação foi denunciada às autoridades russas. Parece que fizeram um cerco à área onde estavam esses bandidos e os capturaram. Bom, terminada a Guerra, a família do papai, como milhares de outros sobreviventes, deslocaram-se do solo europeu. Qual foi a trajetória quando saíram da Polônia? Antes disso, comente a tentativa de indenização pelas perdas, pois a família do papai tinha bens antes da Guerra. Parece que foi uma pequena indenização, uma coisa simbólica.*

Chana- Foi muito pequena. O papai disse que foi muito pouco, não foi aquilo que eles tinham que receber. Ele não sabe se outros vieram na frente... ninguém sabia dizer ao certo, toda a documentação tinha sumido.

P- *Bom, então retornando, qual foi a trajetória do papai após a Polônia?*

Chana- A vovó começou a se comunicar com o irmão que estava no Brasil, o tio Moisés Zaltstreiger. Ele logo começou a agilizar os papéis, dizendo que todos viessem para cá. Inclusive, o papai queria ir para Israel e a vovó, com medo de nova guerra, disse não...

P- *Para a Palestina, Israel ainda não era independente.*

Chana- É, Israel só depois de 48. A vovó disse não, vamos para o Brasil, lá você tem seus tios, lá vai ser melhor. Inclusive, ele disse que já estava namorando uma moça e que combinaram ir para a Palestina, mas a mãe, de tanto falar, fez ele desistir.

O tio Moisés preparou a documentação, eles saíram da Polônia e foram para a França, para Paris.

P- *Como foi a estadia em Paris?*

Chana- Eles foram para um centro comunitário e ficaram lá seis meses. Comendo por conta da Associação, eles não tinham dinheiro. Às vezes, o papai queria fazer alguma coisa, comprava algo para revender, para ver se conseguia um dinheirinho, mas era difícil.

Ele não teve lembranças boas dessa estadia em Paris. Disse que era muito controlado, tinha muita gente. Não passavam fome, não era como na Guerra...

P- *Eu me recordo, papai disse que na França teve contato com emissários do Palmach (grupo avançado do Haganah, estrutura militar judaica na Palestina). O Palmach fazia linhas clandestinas de judeus até os portos, tendo um esquema de transportes a partir de Marselha, pelo Mediterrâneo, até o desembarque na Palestina.*

Papai comentou a primeira vez que viu pessoas negras, tomou um choque, eram soldados americanos. Ele nunca tinha visto! Depois, na costa africana, quando estavam vindo de navio para o Brasil, jogavam moedas ao mar e os habitantes vinham a nado pegar. Nunca me esqueço desse relato.

Chana- Parece que os habitantes mandavam cigarros para o navio.

P- *Papai desembarcou, então, em 1948, e aí começa a saga brasileira. Mãe, vamos lembrar que também faremos um apanhado sobre o deslocamento de sua família. Inclusive lembrar as perdas, pelo seu lado familiar, na Guerra.*

Então voltando, papai vai morar num bairro bem carioca.

Chana- Marechal Hermes. Naquela época, muitos dos judeus moravam em subúrbios, Marechal, Madureira...

P- Tinha uma sinagoga em Nilópolis.

Chana- Sim, sinagoga, cemitério e escola. Tanto é que, Nilópolis era mais longe, mas estava mais adiantada em questões judaicas.

P- *Como ele começou a sobreviver? Jovem, solteiro, querendo reconstruir a vida.*

Chana- Quem os trouxe para o Brasil foi o tio Moisés. No início, todos ficaram na casa dele; a vovó com o papai, o tio Tanchu com a “miman” (tia) Laialan (Léa). Eles casaram depois da Guerra. Foram bem tratados, mas a estadia demorou pouco, alugaram uma casa em Marechal e foram todos para lá.

O tio Moisés falou “agora vocês vão começar a trabalhar”. Papai pegou mercadoria, precisando pagar tudo, não foi nada dado, é bom frisar.

Papai não era “clinteitshik”, ele era... como mascate, caixeiro-viajante. Todo dia tinha de trabalhar em outro lugar.

P- *Mãe, você fez referências aos tios do papai, Tanchu e sua esposa. Fale um pouco deles.*

Chana- Ele era um dos irmãos da vovó Léa, quando ela se casou ele se deslocou para perto da irmã, em Ostrowiec. Lá, ele começou a comercializar com cereais. Ele era solteiro, conheceu uma moça de família de classe média, de uma família religiosa. Casaram e ficaram numa situação boa...

P- *Você se lembra do nome dessa esposa do tio?*

Chana- Não... não me lembro.

P- *Eles tiveram filhos?*

Chana- Não tiveram filhos.

P- *Então, o tio Tanchu intermediava a venda de trigo, ele tinha contato com fazendeiros poloneses.*

Chana- Sim, sendo que, nas horas vagas ele ajudava na padaria. Ele fornecia os cereais para a irmã, era um circuito só.

P- *Na Guerra, o que acontece com o tio Tanchu?*

Chana- Eles foram todos pegos para trabalhar na fábrica, mas eles ainda podiam ir para casa. Ele, então, foi a um fazendeiro amigo e perguntou se podia ficar escondido na propriedade, num celeiro. O fazendeiro o escondeu juntos aos cavalos., no estábulo. Ele ficou lá um tempo, toda noite o fazendeiro levava comida, mas tudo escondido, inclusive da mulher e dos filhos.

P- *Você sabe a punição que os alemães davam aos não judeus que escondessem judeus?*

Chana- Acho... que também eram mortos.

P- É, eram mortos, eram fuzilados.

Chana- Justamente, ele falou “estou arriscando minha cabeça, minha família, mas vou fazer isso, vou te esconder”. Quanto tempo foi não sei, mas um belo dia ficaram sabendo e tacaram fogo. Ele saiu correndo do

esconderijo e o fazendeiro descobriu que já tinha gente sabendo, por causa do ato de vandalismo. O fazendeiro disse: “Tanchu, chegou a hora de você procurar outro refúgio, porquê já tem gente demais sabendo disso. Estou arriscando minha cabeça, dos meus filhos e você vai ser pego”. Ele teve que sair de lá, fugir à noite e foi para a fábrica onde os sobrinhos estavam trabalhando. Ele era uma pessoa jovem, com muita coragem e, uma noite, ele falou para o papai: “olha, Hershelle, eu vou fugir para o bosque, seja o que Deus quiser, você vem comigo?” “não, não vou, tenho medo, não quero deixar minha mãe”.

P- *Ou seja, papai não acompanhou o tio na fuga?*

Chana- Não, não abandonou nem a mãe, nem a irmã. Aí, numa oportunidade, o tio Tanchu saiu correndo, atravessou as cercas, os alemães viram e começaram a atirar, eu me lembro que isso ele contava. Como serviu o exército, sabia que tinha que correr em ziguezague, para as balas não o atingirem.

P- *Então ele correu de onde?*

Chana- Da fábrica para o bosque, e lá ficou até o final da Guerra.

P- *E é esse tio que vai acompanhar a vovó e o papai para o Brasil. Ele perdeu a primeira esposa, correto?*

Chana- É. Quando a Guerra terminou, todos foram procurar seus entes, querendo saber quem ficou vivo. Primeiro se encontrou com a vovó Lea e a tia Shoshn, ficaram todos morando juntos. Ele, como era o homem da casa, começou a comercializar outra vez, o que era eu não sei bem.

P- *O tio voltou a casar.*

Chana- Sim, ele conheceu a tia “Laialan”...

P- *Ela também foi sobrevivente de campo?*

Chana- Foi, ela perdeu marido e filho.

P- *Casaram e não tiveram filhos. Bom, com esse relato preservamos a memória dos tios. Retornando ao papai, ele só vendia à vista?*

Chana- Só à vista.

P- *Nesse período, qual era a área geográfica que papai vendia?*

Chana- Primeiro, ele começou pelos subúrbios. Depois ele começou a esticar: Barra Mansa, Volta Redonda, Barra do Pirai, Magé, Raiz da Serra, Caxias, Santo Aleixo.

P- *Qual era a mercadoria que ele preferia?*

Chana- Tecidos em corte... gabardine!

P- *Mãe, tem um momento que para nós é sempre pesado, mas é importante lembrar, o encontro do papai com KAPOs. Vamos explicar, KAPOs eram policiais judeus, recrutados pelos alemães para fazer o trabalho interno entre os concentrados. Esse foi um trabalho considerado sujo, eram judeus oprimindo outros judeus. Como foi esse encontro?*

Chana- Papai tinha chegado a pouco e morava em Marechal Hermes. Um belo dia, saindo para trabalhar, deu de cara com um Kapo! Um, de três irmãos que foram Kapos...

P- *Da cidade do papai?*

Chana- Sim, da cidade.

P- *E os três irmãos eram Kapos?!*

Chana- O mais velho era o pior de todos.

P- *Foi esse, o que ele encontrou?*

Chana- Não, foi o segundo. O mais novo, ninguém mexeu com ele, morou aqui, trabalhou normalmente.

P- *Mãe, como ha’ descendentes dessas pessoas e para evitar quaisquer constrangimentos ou danos, vamos evitar falar em nomes. Então, papai encontrou um desses irmãos que foi Kapo. Como foi o encontro?*

Chana- Quando esta pessoa viu o papai, ficou com medo, “gelou” e disse: -”Hershell, Hershell, não me bate! Não me pegue! eu não tenho culpa, eu não fiz nada!” Papai respondeu:

“Eu não vou te bater porquê você tem idade de ser meu pai, mas você fez, você tem culpa e outras pessoas vão te castigar.”

“Mas, pelo menos, você pode me ajudar, dizer que eu não tenho culpa?”

“Não. Eu não vou te bater, mas não vou dar testemunho a seu favor, porquê você fez!”

P- Mãe, tem o episódio em que passaram com uma lista na loja do papai...

Chana- Foi a esposa desse homem que papai encontrou. Passou com uma lista para papai assinar.

P- Do que tratava a lista?

Chana- Era um abaixo-assinado, onde dizia que o marido não fez nada, que não tinha culpa, para as filhas dele...

Mauro- Não serem excomungadas da comunidade.

Chana- Para que as filhas pudessem frequentar locais e colégios judeus.

P- E o papai?

Chana- Assinou. Ele disse que ela não tinha culpa...

P- Nem as crianças.

Chana- Também.

P- Qual o ano em que vocês se conheceram?

Chana- Em agosto de 1950 e fiquei noiva em 5 de setembro.

P- Qual o ano em que vocês casaram

Chana- Casamos em 6 de julho de 1952. O irmão mais velho de vocês nasceu em 18 de abril de 1953.

P- Mãe, vamos fazer agora o retrospecto da família Judenherc, seu sobrenome de solteira. Qual é a cidade de origem de sua família?

Chana- Schidlowiec. Uma cidade bem pequena.

P- Bem pequena, compara à Ostrowiec...

Chana- Não tem comparação! Era um “schteitalan”(povoado).

P- Qual é a origem do vovô Abraham e da vovó Eva, seus pais? Eram religiosos? Eram comerciantes?

Chana- A linhagem de meus avós não tem rabinos. Era gente cumpridora da religião...

P- Do vovô e da vovó?

Chana- Dos dois.

P- Qual era o sobrenome de solteira de sua mãe?

Chana- Orembach. Meu avô Iosef (José), pai de minha mãe, tinha uma padaria, mas em proporções pequenas. Não eram pessoas abastadas...

P- E o vovô Abraham?

Chana- Vovô Abraham também não veio de família de rabinos, mas de uma família religiosa. O pai dele era.. como é que eu vou explicar?! O pai dele preparava selas para montaria e ferraduras. Eles vendiam em feiras para os polacos, chamavam as feiras de “iehid”. Os compradores também iam a sua casa para negociar as peças. Eles eram pessoas muito pobres, a vida sempre muito difícil.

P- E os pais da vovó Eva?

Chana- Já comentei, eles tinham uma padaria.

P- Bom, os vovós se casaram, você se lembra o ano?

Chana- É só calcular.. papai veio para cá.. minha mãe deve ter casado em 32 ou 33.

P- Vovô Abraham e vovó Eva tiveram 4 filhos. Quando o vovô veio para o Brasil, qual era a situação em termos de filhos?

Chana- Quando meu pai veio para o Brasil tinha três filhos, e a vovó Eva estava grávida da quarta, a titia Esther.

P- Que é a çaçula.

Chana- Ficou dois anos... vovô começou a trabalhar “clinteltschik” (clientela a prazo), em dois anos conseguiu juntar um dinheiro e mandou “shiftcarten”, era assim que se chamava.

P- Mãe, o que é “shiftcarten”?

Chana- Passagem de navio! Dois anos de meu pai estar aqui, nós viemos. Já com mais uma filha de um ano e meio.

P- *Vocês chegaram em que ano?*

Chana- O vovô chegou em 33, nós, em junho de 35.

P- *Mãe, fale um pouco você menina, de sua juventude. Têm alguns episódios interessantes, você era aluna de escola pública e participou de alguns eventos do Estado Novo.*

Chana- Foi em 7 de Setembro, nós participávamos das paradas no campo do Vasco (São Januário).

P- *Tinha também o Dia da Nação.*

Chana- É. Eu marchei como enfermeira, podia ter meus dez, onze anos.. .a vovó me preparou... uma pena não se tirar tanto retrato. Eu me lembro do presidente Getúlio Vargas, e do Villa-Lobos regendo.

P- *Você fala que, menina ainda, participava dos corsos no carnaval. Pegavam um bonde na Praça Onze e iam até a Candelária.*

Chana- (risos) A gente fazia blocos de rua, eu botava as calças do meu irmão e ele botava nossos vestidos! Todo mundo dava uns trocadinhos para cada bloco, depois o mais velho, que tinha organizado, dividia o dinheiro por todos. A gente voltava para casa e dizia: “olha mamãe, o que nós ganhamos!” (risos) Era uma felicidade só!

P- *Bom, vocês moravam na Praça Onze?*

Chana- É, na Vila Judaica, a “íídiche vila”.

P- *Mãe, durante a Guerra, vocês ouviram notícias das atrocidades nazistas na Europa? Você se lembra de algo?*

Chana-(pausa)Bom, o que eu me lembro.. .meu pai lia muito bem em hebraico, ele recebia jornais em “íídiche” e hebraico. Os jornais diziam que estavam perseguindo os judeus, matando, mas não tinha a dimensão que soubemos depois. Não, não tínhamos ideia do que os alemães estavam fazendo. Só com o fim da Guerra, as notícias começaram a chegar e, também, com o relato dos sobreviventes que vieram.

P- *Seu pai falava “íídiche” e hebraico.*

Chana- Sim. Tanto na parte laica, como na religiosa, ele era muito letrado. Era muito bom, também, em matemática. Indo um pouco mais à

frente, na quarta, quinta série, ele nos ajudava nos problemas mais difíceis. Eu lia em “íídiche” e meu pai nos ajudava, à noite, depois de chegar cansado da clientela.

P- *A sua família era sionista? Existia o debate sobre a criação do Estado de Israel?*

Chana- Eu me lembro que a vovó Eva falava muito do vovô Iosef. Na Polônia, eles falavam muito de política nas horas vagas, reuniam-se na pracinha...

P- *Vovô Iosef era o pai da Vovó Eva, era o seu avô.*

Chana- Falavam muito em política, o que era a política? Palestina! Ele era tão fervoroso em falar, que a vovó Eva dizia que ele chegava roquinho em casa.

P- *Ou seja, nosso bisavô Iosef, era um grande sionista! Você só estudou em escola pública, ou também em alguma instituição judaica?*

Chana- Estudei em escola pública e meus pais colocaram um “melamed” para nos ensinar em casa. Hoje, se eu sei alguma coisa em hebraico e da reza, foi graças ao “melamed”.

Depois abriu uma escolinha, o professor era um “hazan”(cantor litúrgico) de sobrenome, Steinberg. A escolinha era na Praça Onze, na rua Benedito Hipólito.

P- *Vovô Abraham era cardíaco e veio a morrer em 1948. Você fez um comentário sobre a data.*

Chana- Sim, primeiro ele enfartou em 46. É uma lembrança muito forte para mim (silêncio). O médico disse que ele não podia mais trabalhar daquela maneira, pois trabalhava muito em morros, em subidas no bairro de São Cristóvão. Nós tínhamos que viver, comer.. .aí, meu irmão Manoel, que estava com 14 anos, teve de sair do colégio. Ele era um ótimo aluno e teve que parar os estudos, para poder ajudar, fazer as cobranças. Aos poucos, o vovô voltou a trabalhar nas ruas planas, nos morros, só o tio Manoel. Em 48 ele teve o segundo enfarte...

P- *Depois da criação do Estado de Israel?*

Chana- Ele viu, pulava de alegria. Meu pai era um grande sionista, ele morreu em 6 de junho de 1948.

P- *O Estado de Israel foi criado em 15 de maio. Houve comemoração na “iídiche” vila?*

Chana- Nas ruas, não. Houve muita alegria nos lares. Eu me lembro da vibração de meu pai, assim como teu pai vibrou com as vitórias de Israel, em 67 e em 73.

P- *A Guerra acabou em 45, vocês começaram a receber as notícias imediatamente?*

Chana- Sim, já comentei sobre isso. Recebíamos, também, cartas dos parentes sobreviventes.

P- *Mãe, você também teve perdas em sua família.*

Chana- Muitos, demais.

P- *Meu segundo nome, Peres, é uma homenagem.*

Chana- Ao irmão de minha mãe, Peretz. Pelo lado da minha mãe, família Orembach, meu tio Peretz...

P- *Já casado? Tinha filhos?*

Chana- Ele casou, se separou, não tinha filhos. Meu tio Peretz e todos os familiares da minha mãe foram tragados pelo Holocausto. Só sobreviveu a Minam.

P- *Uma prima.*

Chana- Uma prima, da família todinha... Era uma família enorme, muitos primos, muitos tios.

P- *O nome dela, hoje, é Minam Virtzer, ela era Orembach de solteira?*

Chana- Não, porquê ela era filha de uma irmã do vovô Iosef.

P- *Hoje, a Minam e seu marido, Moishé, estão em...*

Chana- Israel! Têm dois filhos. Tentaram entrar clandestinamente em Israel, de barco. Os ingleses prenderam o barco e os mandaram para

Chipre, onde ficaram num campo de prisioneiros dois anos. Quando chegou a vez dela, disseram: “agora você está libertada, já pode ir para Israel.” Ela perguntou: “e o meu marido?” Os ingleses falaram “seu marido, não, pois ele vai lutar contra a gente”.

P- *Então, Israel ainda não era independente, era o mandato britânico.*

Chana- É, então foi antes da independência. Ela disse: “não, eu perdi todo mundo na Guerra, eu não quero perder meu marido. Vou ficar com ele, até vocês o libertarem, também.”

P- *Do lado do vovô Abraham, vocês tiveram notícias?*

Chana- Só sobrou uma tia minha, irmã de teu avô. Veio quase nos últimos navios, em 38. Tanto é, que ela não pode desembarcar no Rio e teve que descer em Niterói.

P- *Qual o nome dela?*

Chana- Sarah Léa. Era, também, uma pessoa muito letrada.

P- *Bom, em 52 você casou com o papai. Foram viver em?*

Chana- Madureira. Moramos lá 17 anos.

P- *Ele saiu da situação de mascate e abriu uma loja.*

Chana- Abriu a loja em 58.

P- *A loja perdurou até o ano de?*

Chana- 1985.

P- *Tem o episódio do tiro que papai levou, comente.*

Chana- Isso foi...em 56. Eu estava grávida do Mauro.

P- *Você estava grávida do segundo filho. Papai foi fazer uma cobrança em Vaz Lobo, não é isso?*

Chana- Não foi cobrança. Papai foi vender em Vaz Lobo, oferecendo mercadoria, aí o rapaz disse: “eu vou querer, espera aí, que eu vou pegar o dinheiro.” Então veio com o revólver e deu um tiro à queimadura. Comentaram que ele pediu mercadoria e ele não quis dar; papai jurou para mim que ele não pediu nada. Na época não se falava em drogas,

o sujeito deveria estar drogado. Ele entrou, saiu com um revólver, deu um tiro que pegou na virilha. Papai desceu correndo, começou a pedir socorro no meio da estrada, sangrando, pedindo “pelo amor de Deus, para, para!”. Alguém teve pena, parou o carro e o levou... para Marechal Hermes, para o Carlos Chagas.

P- *Ou seja, não morreu na mão dos nazistas e poderia ter morrido na mão de um vagabundo.*

Chana- Podia ter morrido!

P- *Bom, papai sobreviveu à Guerra, constituiu uma família, construiu um negócio, formou um patrimônio, educou seus filhos. Papai participava da vida da Comunidade? Papai era um bom judeu?*

Chana- Papai não era um fanático, mas era um judeu de coração. Era um sionista e um judeu de coração, sempre participou de ajuda de “Magbit”, de “Maot Chitim”. Não ajudava mais porque tinha épocas que não dava.

P- *É, isso nós fomos testemunhas. Ele realizou um sonho, conheceu o Estado de Israel. Vocês conheceram no ano de?*

Chana- Em 1982. Quando estávamos nos aproximando e vimos as luzes ao longe, as lágrimas começaram a rolar. Ele perguntou: “Anita, o que você está chorando?!”.
Estava chorando de alegria, era véspera de Shavuot, fomos recebidos no aeroporto com cerveja, com tanta alegria, era Erev Shavuot. Papai começou a dançar com as pessoas no aeroporto, tamanha a alegria.

P- *Mãe, estamos concluindo os principais dados que gostaria de colocar nesse trabalho. Você tem liberdade para fornecer outras informações, episódios que se lembre, outros dados.*

Chana- Quero registrar o relato de uma vizinha nossa de Madureira, Dona Lola Fishman. Ela esteve numa situação em que falam das 6.000 mulheres sobreviventes.

P- *Fale sobre isso.*

Chana- Já no final da Guerra, 6.000 mulheres foram libertadas de uma só vez pelos Aliados, ou americanos, ou russos, não sei. A senhora Lola

Fishman estava nesse grupo e toda vez que se aproximavam do forno crematório...

P- *Para a câmara de gás e depois para o forno.*

Chana- Sim, para a câmara. Ela, já cansada de tudo aquilo, ia se deixando levar e, toda vez que se aproximava da porta, alguém a empurrava e ela voltava para a parte de trás do grupo. Nisso, elas foram libertadas e Dona Lola sobreviveu.

P- *Mais alguma coisa, mãe?*

Chana- Bom, eu posso acrescentar que papai não teve sorte quanto às indenizações de Guerra, como outros. Gostaria também de dizer que papai, dentro de seus limites, sempre buscou a educação dos filhos, tanto na parte laica, como na parte judaica. Nossos quatro filhos foram a Israel. Estudaram em colégios judaicos: Barilan, Max Nordau...

P- *E o famoso I.L. Peretz, mãe?*

Chana- Vocês começaram em Madureira, no I.L.Peretz, meu filho caçula fechou o I.L.Peretz...

P- *Fechei o Bialik, também...*

Chana- No Méier, depois mudamos para Copacabana. Você e a Simone estudaram em colégios judaicos, você no Max Nordau e depois, Barilan. A Simone, sempre no Barilan. Queria colocar você no Barilan, mas disseram o que o teu hebraico era fraco; hoje “pagam” para o aluno entrar e naquela época recusavam. Aceitaram no Max Nordau, mas dois anos depois, estava se aproximando o “Bar Mitzvah”, botei uma professora particular de hebraico e você entrou no Barilan.

P- *Mãe, o que os alemães gravaram no antebraço esquerdo do papai?*

Chana- Um número de controle, B 5156.

P- *Onde papai está enterrado?*

Chana- Em Vila Rosali, no Cemitério Israelita, novo. No antigo, está a vovó Léa e o meu pai.